Epitáfio a Aby Warburg (1829)

ERNST CASSIRER

Tradução de Isabel Coelho Fragelli

Em nome da Universidade de Hamburgo e da Faculdade de Filosofia, devo conduzir a última saudação a Aby Warburg e exprimir-lhe o agradecimento da Universidade e da Faculdade por tudo o que ele fez e desempenhou por elas. Este agradecimento é-lhe devido como a poucos. Pois ele foi um dos pioneiros e um dos mais ativos promotores da ideia da Universidade de Hamburgo. Batalhou por essa ideia com todo o apaixonado entusiasmo com o qual se lançava, quando se tratava de pôr em ação algo que admitia como justo e necessário. Conhecia todos os impedimentos, todas as dificuldades externas e internas que se contrapunham à fundação da Universidade de Hamburgo. Mas ele não lhes dava atenção; seguia resoluto o seu caminho até o fim e, após longas lutas e esforços, pôde experimentar a alegre recompensa de ter chegado a seu objetivo. E, com toda entrega, dedicou-se desde então às tarefas da Universidade, tanto à sua edificação, quanto ao seu acabamento espiritual interno. No interior da Universidade, ele não permaneceu apenas como representante de uma única disciplina; dela, ele fazia parte não somente como professor honorário de História

da Arte [*Kunstgeschichte*] e de Ciência geral da Arte [*allgemeinen Kunstwissenschaft*], mas, em si próprio, em sua personalidade e em seu espírito, compunha uma singular e grandiosa unidade aquilo que geralmente costumava ser separado e dividido segundo limites disciplinares. Warburg era o centro vivo e o foco da pesquisa em ciências do espírito [*der geisteswissenschaftlichen Forschung*], tal como é cultivada na Universidade de Hamburgo; ele era tão fortemente comovido e estimulado pelas questões da História e da Ciência da Arte, quanto pelos problemas fundamentais da História, da Filologia, da Arqueologia, da Etnologia, da Linguística e da Filosofia. Foi assim que ele formou um dos mais autênticos centros vitais da Universidade; e assim ele depositou em si mesmo e em seu exemplo pessoal, clara e luminosamente diante de nós, a grande ideia da *Universitas litterarum*. Desta ideia fundamental provém sua biblioteca, e ela foi efetiva no seguinte sentido: abarcando e reunindo, fecundando e enriquecendo tudo o que há de esforço intelectual e de problematização autônoma no trabalho de pesquisa de nossa Universidade.

E, no entanto, de tudo aquilo que Warburg nesse sentido procurou alcançar para a Universidade, e de tudo aquilo que por ela obteve, não se deve falar aqui e agora. Deve ficar reservada para um momento posterior e para uma reflexão serena a tarefa de fazer um balanço do trabalho científico concreto de sua vida e de nos fazer ver, nesta obra de uma vida, aquilo que a ciência à qual ele servia e a Universidade de Hamburgo com ele possuía e com ele perdeu. Hoje nós não estamos com ânimo para essa reflexão, pois estamos comovidos e abalados junto ao féretro de um homem que foi súbita e inesperadamente arrancado em meio a um apaixonado júbilo criativo e ao mais forte

impulso de criação – estamos emocionados do modo mais íntimo junto ao túmulo do amigo cuja mão ainda há pouco apertamos e cujo vivificante, estimulante e elucidativo discurso ainda há pouco escutamos. Hoje nós não podemos e não queremos louvar a sua produção objetiva; queremos apenas uma vez mais procurar colocar, diante de nós, a imagem de um homem, a imagem do homem Warburg, tal como ela tornou-se progressivamente mais clara e mais firme para nós que, coletivamente, pudemos trabalhar e conviver com ele. A imagem deste homem – ela veio ao meu encontro muito antes de eu ter conhecido o próprio Warburg. Senti-a penetrar-me quando, agora já há oito anos, conduzido por meu amigo Fritz Saxl, atravessei pela primeira vez as salas de livros da Biblioteca Warburg. Ali eu senti e compreendi como de um golpe: nessas fileiras de livros, que parecem não querer terminar e que preenchem, até o mais afastado canto, o todo da antiga casa – nelas, não se trata de uma obra composta pelo esforço colecionador de um bibliófilo, ou pelo trabalho diligente de um simples erudito [*Gelehrte*]. Esse ininterrupto cortejo de livros parecia-me estar envolto em um sopro mágico; como se um encantamento pairasse sobre eles. Quanto mais eu me imergia no volume e no conteúdo dessa biblioteca, mais se confirmava e se intensificava, para mim, esse sentimento. Das fileiras de livros desprendia-se, cada vez mais nítida, uma fileira de imagens, de determinados motivos e configurações espirituais originários, e, por trás da diversidade dessas configurações, situava-se sempre para mim ao final, clara e imponentemente, a figura do homem que havia sacrificado a melhor parte de sua vida à fundação e à construção dessa biblioteca. Assim, em meio a essa coleção de livros, uma outra coisa sobressaiu-se em mim de um modo inesperado: a impressão de

uma grande personalidade inquiridora e de um destino de pesquisador profundamente surpreendente. Compreendi ambos e cedi à força que deles emanava, antes ainda que eu tivesse visto Warburg e tivesse com ele trocado uma palavra. E quando, então, veio o nosso primeiro encontro, que com ele tive há cinco anos em Kreuzlingen, firmou-se logo estreitamente o laço entre nós. Após as primeiras frases, nós nos conhecemos e aprendemos a nos entender tal como normalmente apenas depois de anos de trabalho em conjunto se entende. Mais profundamente do que antes, compreendi eu ali, estando ele diante de mim, o sentido de seu buscar incessante, de seu batalhar e investigar. O problema que capturou e consumiu a sua vida, hoje eu o vejo em toda a sua gravidade, em seu furor e em sua trágica magnitude. Não quero aqui tentar mergulhar nos detalhes deste problema. Certamente foi o próprio Warburg quem cunhou a expressão: “O amado Deus jaz no detalhe”. E na devoção ao particular, no amor pelo que é aparentemente insignificante, ninguém o igualava. Ele não separava o pequeno e o grande; ele abraçava, com a mesma intensidade e o mesmo amor, tanto as grandes obras-primas da arte quanto os últimos e aparentemente mais insignificantes rebentos do esforço intelectual e criador [*bildend*]. Foi-lhe possível e legítimo cultivar esse amor pelo particular porque, a todo instante, estava seguro da viva conexão e do todo no qual estava inserido. Pois seu olhar não pousava antes de tudo sobre as obras da arte, mas ele via e sentia as grandes energias configuradoras [*gestaltend*] por trás das obras. E essas energias não eram, para ele, nada além das eternas formas de expressão do ser, da paixão e do destino humanos. Assim, toda configuração formadora, onde quer que ela se agitasse, tornava-se, para ele, legível como uma linguagem única, em cuja estrutura ele

buscava penetrar cada vez mais e cuja lei procurava decifrar. Onde outros viram figuras precisamente delimitadas, e onde viram formas que em si mesmas repousam, lá via ele forças em movimento, e via aquilo que denominou grandes “fórmulas do *pathos*” [*Pathosformeln*], as quais a antiguidade criou como um patrimônio permanente para a humanidade. Seu olhar não se prendia a uma obra singular enquanto tal, nem na forma de apresentação, nem no conteúdo do que era apresentado, mas penetrava até aquelas tensões energéticas que tinham encontrado, na obra, sua expressão e sua válvula de escape. Essas tensões eram as que ele sabia sempre rastrear novamente, em quantas fossem as múltiplas formas com as quais elas se ocultassem, e eram as que ele perseguiu ao longo dos séculos com uma segurança deveras visionária. Mas que ele disso fosse capaz, não era apenas este o único talento do pesquisador, e tampouco o do artista. Aqui, ele criava a partir da mais profunda e singular experiência de vida. Tinha vivido e experimentado, em si mesmo, aquilo que via diante de si – e era capaz de ver realmente apenas aquilo que conseguia apreender e interpretar a partir do centro de seu próprio ser e de sua própria vida. “Cedo leu ele a severa palavra, / familiares eram-lhe o sofrimento e a morte”¹. Porém, desse mesmo sofrimento, surgiu nele a incomparável força e a inigualável particularidade de seu olhar. É raro um pesquisador que tenha tanto e tão profundamente dissolvido sua mais profunda dor no olhar, e no olhar a tenha libertado. Quando observamos os grandes motivos figurativos [*bildnerischen Motiven*] perseguidos por Warburg em sua pes-

¹ J. W. Goethe, “Epilog zu Schillers ‘Glocke’”, in: *Werke*, Hamburger Ausgabe in 14 Bänden (org. Erich Trunz). Band I, Gedichte und Epen I. München: C. H. Beck, 1982, p. 258.

quiza, eles nos mostram, em toda sua variedade conteudística, um traço comum. São todos apenas, por assim dizer, diferentes etapas da grande *via crucis* [*Passionsweg*] da humanidade. O motivo de Orfeu, o motivo do rapto de Prosérpina, o motivo do infanticídio de Medéia – tudo isso designava, para ele, apenas os últimos e mais elevados extremos da dor e da paixão humanas. Ele via em todos apenas um símbolo – um símbolo para aquelas forças inefáveis e demoníacas às quais está entregue a nossa existência. Warburg não foi um cientista e um pesquisador no sentido de que, do alto do mirador, observava impassível o jogo da vida e, com ele, regozijava-se esteticamente no espelho da arte. Estava sempre em meio à tempestade e ao turbilhão da vida, ela mesma; tocava sempre em seus últimos e mais profundamente trágicos problemas. E um problema era, antes de tudo, aquele ao qual sempre retornava e com o qual lutou incessantemente até o final. Em seu discurso sobre Shakespeare, o jovem Goethe diz que os planos de Shakespeare não eram, para falar segundo o estilo comum, plano algum, suas peças giravam em torno de um ponto secreto que ainda nenhum filósofo viu ou determinou e no qual a particularidade de nosso Eu, a pretensa liberdade de nosso querer encontra o curso necessário do todo. A este “ponto secreto” era também permanentemente direcionada a pesquisa de Warburg, e nele prendia-se seu olhar, como que por fascínio. A oposição e a tensão interna entre liberdade e necessidade: este foi e permaneceu sendo o grande tema que ele perseguiu através da história, da arte, de todas as formas do pensamento mítico e de todas as grandes figuras fundamentais da religião. Aqui, inscrevem-se suas pesquisas sobre o conceito e o símbolo da *Fortuna* [*Fortuna-Begriff*; *Fortuna-Symbol*] na arte do Renascimento; aqui, enraízam-se seus trabalhos sobre

a astrologia, cujo sentido e cuja função na história das ideias foi ele quem nos fez conhecer verdadeiramente pela primeira vez. E também nestes domínios, aparentemente tão longínquos para o nosso sentimento e para o nosso pensamento, criava ele a partir daquilo que lhe era mais íntimo e próprio. Pois desde cedo Warburg lutou, em seu próprio íntimo, a luta que ele aqui nos apresenta, de certo modo, na projeção sobre a história do espírito [*Geistesgeschichte*]. O caminho “*per monstra ad sphæram*”, tal como gostava de denominá-lo, ele o compreendia bem, porquanto ele próprio sempre e novamente o percorrera e precisava percorrê-lo. Mas, mesmo quando quase sucumbia sob os esforços desse caminho, jamais deseperou de seu objetivo. A partir de toda a ausência de liberdade e de toda coerção, lançava-se ele sempre outra vez no reino da liberdade espiritual – naquele “espaço de reflexão da consciência” [*Denkraum der Besonnenheit*] que era, para ele, o que há de último e de mais elevado que a ciência e o conhecimento humanos podem conseguir para si. Na primeira conversa que tive com Warburg, ele se queixou comigo que os demônios, cujo reinado na história da humanidade ele investigara, haviam se vingado dele e, por fim, haviam-no vencido e destruído. Mas, durante o curso dessa conversa, surpreenderam-me ainda mais uma vez a grandeza e a força com as quais ele resistia aos poderes do destino e contra os quais se afirmava. Aquilo que lhe possibilitava essa autoafirmação era o seu incorruptível senso de verdade e sua inabalável coragem para esta. Ele tornou-se senhor da noite, que ameaçava invadi-lo mais e mais profundamente, porquanto em seu íntimo brilhava a clara luz do espírito, a luz do investigador e do pesquisador que sempre o ergueu e o resgatou no espaço de reflexão da consciência. Assim, ele provou como poucos o dito

de Schopenhauer, segundo o qual uma vida feliz é impossível, mas uma vida heroica [*ein heroischer Lebenslauf*] é o que há de mais elevado que o homem pode alcançar. Warburg permaneceu heroico tanto no agir quanto no sofrer; tanto na realização quanto na renúncia. Então, por fim, sobreveio-lhe a mais suprema sorte que pode advir a um homem criador. A morte o acometeu em meio à própria criação, à conversação e ao trabalho científicos. Uma hora antes de sua morte, ele desenvolveu, diante de mim, os novos grandes planos sintéticos que deveriam formar a conclusão e o coroamento de sua obra. Essa conclusão ele não viu. Mas, por isso, foi ele poupado também de um tal impensável sofrimento que, para esse espírito pesquisador incansavelmente ativo, teria significado a progressiva decadência das forças, o escorregar em uma lenta enfermidade. E hoje, contudo, permanece a sua obra, por mais inacabada que seja em si mesma, tal como um todo completo diante de nós – completo na grandeza do projeto [*Entwurf*], na orientação fundamental e uniforme que estabeleceu firmemente desde o início, nas novas questões que nos colocou e nas novas tarefas com as quais nos enriqueceu.

Houve um tema da história da filosofia que ocupou Warburg apaixonadamente nesses últimos meses e que pareceu atraí-lo – ele que, até então, mantivera-se afastado desse domínio – para novas e desconhecidas paragens. Seus últimos estudos foram consagrados à personalidade e aos escritos de Giordano Bruno. Eu mesmo chamei-lhe a atenção para Bruno; pois eu sentia que ele, mais do que qualquer outro, teria a vocação para decifrar o enigma deste homem, cujo pensamento move-se tão integralmente no interior do âmbito figurativo [*im Bildhaften*] e a ele permanece vinculado. Mas, quando ele realmente assumiu essa

tarefa, então eu pude presenciar mais uma vez, a partir do modo como a ela se dedicava e de como fazia para dela apropriar-se internamente, aquela determinação fundamental de seu ser espiritual, que sempre voltava a atuar de um modo novo, inesperado e surpreendente. Aquilo que, para nós outros, era um problema teórico, era, para ele, uma experiência que o estimulava e o despertava intimamente. E, de fato, há alguns traços que lhe permitiam sentir-se familiarizado com esse pensador e próximo dele. Pois Giordano Bruno é o primeiro dentre os pensadores do Renascimento que, sendo ainda, na origem, inteiramente ligado à esfera do pensamento mágico, dela desprende-se conscientemente². Ele abriu caminho para uma ideia fundamental e originária da visão de mundo moderna [*der modernen Weltansicht*], para a ideia de infinitude; porém, ele não a apresenta em uma forma abstrata e teórica, mas a concebe e a formula a partir do novo sentimento do mundo [*Weltgefühl*] que poderosamente o habitava. O infinito é objeto da razão – mas apenas uma razão que é tomada por um *afeto* (*Affekt*) heroico, e que é por este impulsionada, consegue verdadeiramente compreendê-lo. Ele não se oferece à simples observação, mas à contemplação e ao amor entusiásticos. Pode-se assim entender o que desta doutrina, desta reivindicação dos “*Heroici furori*” feita por Giordano Bruno deve ter surpreendido Warburg. Aqui, ele encontrou um pensamento que mostrava, do começo ao fim, aquela forma e aquelas tensões energéticas, tal como ele outrora as havia sentido e revelado por trás das obras das artes plásticas. Não eram os conteúdos desse pensamento que o instigavam –

²É a questão problematizada por Frances Yates em *Giordano Bruno and the Hermetic tradition* (1964). Essa eminente estudiosa era ligada ao Instituto Warburg, sediado em Londres a partir de 1934.

mas sua forma tornou-se, para ele, novamente um símbolo das forças que o moviam em seu mais profundo íntimo. Há um motivo psicológico-intelectual [*seelisch-geistiges*] determinado, que é continuamente evocado nas obras filosóficas e na poesia de Giordano Bruno: o motivo do voo do espírito humano infinito em direção ao sol da única e infinita verdade divina. O espírito humano sabe que não pode e não conseguirá alcançar o objetivo e que, por fim, o seu voo, tal como aquele de Ícaro, deverá terminar com a queda – mas, apesar de tudo, ele ousa este voo, porque apenas nele pode se assegurar de seu eterno ser e de sua eterna destinação. Pois a queda do alto é preferível à prisão ao solo, aos rebaixamentos da existência (*Dasein*). Para dizê-lo com as palavras de um soneto que Giordano Bruno inseriu em seu diálogo “*De gl’heroici furori*”:

Pressinto-o eu mesmo: não conseguirei, A ousada façanha
haverá de custar-me a vida, Mas Ícaro algum
espantará minha ambição atrevida, Pois, morrendo, a
honra e a recompensa alcançarei.

E, se meu coração questiona-me, receoso, Para onde
voas, temerário? Atenção! Atenção! O castigo sucede
todo aventurar-se audacioso.

A queda do alto, respondo, não se deve temer. Para
cima, por entre as nuvens! E contente morrer, Se a ti
é destinada tão nobre e gloriosa morte³.

³ “De gl’heroici furori”, citado por Cassirer em alemão (exceto pelo último verso, também citado em italiano), versão da qual traduzimos. O original encontra-se em Giordano Bruno, *Opere Italiane* (org. Eugenio Canone). Vol. IV. Florença: Leo S. Olschki Editore, 1999. p. 1321. No original, lê-se: “*Ch’i’ cadrò morto a terra, ben m’accorgo / Ma qual vita pareggia al morir mio? / La voce del mio cor per l’aria sento: / Ove mi porti, temerario?*”

“Non temer, respond’io, l’alta ruina. Fendi sicur le nubi, et muor contento; S’il ciel si illustre morte ne destina”.

Assim morreu e viveu Warburg, tal como o exprime Giordano Bruno nessas palavras. E assim continuará a viver, em nós, a sua imagem: não como a imagem de um simples erudito [*Gelehrter*] ou de um mero pesquisador, que pôde morrer em paz depois de ter colhido os frutos de sua vida, mas como a de um batalhador, de um herói cujas armas, quando a morte lhe as roubou, não se amossaram nem se deterioraram, mas permaneceram igualmente fortes, afiadas e puras, do começo até o final da batalha intelectual de sua vida.

China, / Che raro è senza duol tropp’ardimento. - / Non temer, rispond’io, l’alta ruina. / Fendi sicur le nubi, e muor contento, / S’il ciel si illustre morte ne destina”.